

Editorial Temático - It's not right, but it's ok! I'm gonna make it, anyway!¹

Michel Alves Ferreira

E-mail : maferreiragi@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Humberto da Cunha Alves de Souza

E-mail: hu.souza@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Thiago Teixeira

E-mail: thiagoteixeiraf@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica de
Minas, Belo Horizonte, Minas
Gerais, Brasil. Revista Senso, Belo
Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Pensar identidades coletivas a partir de efeitos de processos culturais, políticos, sociais e territoriais, conforme texto da historiadora estadunidense Joan Wallace Scott (2005), requer entender como se dão as relações de conflito que se operam entre as mais diferentes demandas de grupos, de forma que se estabeleçam denominadores minimamente comuns de pautas políticas. Ao mesmo tempo, pensar as diferenças apenas enquanto diferenças e não enquanto opositores negativos frente a uma norma imposta, universal de uma verdade, conhecimento e sujeito, é o desafio que se configura em tempos em que não se está bem banalizar a morte social, física e econômica de grupos que a todo instante desafiam a universalidade e objetividade do ser, existir, resistir e saber.

É o que a professora, bióloga, ativista dos estudos ambientais e primeira reitora trans de uma universidade latinoamericana, a colombiana Brigitte Baptiste, abordou em sua entrevista para este número temático, falando em identidades individuais, mas que certamente têm conexões com o que teorizou Joan Scott (2005).

Porque nuestra identidad como personas está constantemente cambiando. Nuestra historia, nuestras relaciones con los demás promueven este cambio o lo incitan. ¡Es imposible ser la misma persona a través de toda la vida! Algunas personas son más plásticas, algunas personas viajan más por el mundo, algunas personas tienen más disposición para explorar la novedad, pero lo cierto es que cada vez tenemos más posibilidades de ser. ¡Y eso es gratis! Eso los abre un horizonte gigantesco para afrontar la materialidad del mundo, la finitud de la vida, el dolor que acompaña la existencia (Fragmento da entrevista no idioma primeiro da entrevistada).

A partir das considerações de Scott (2005) postas neste texto sobre identidades coletivas, da entrevista realizada com Brigitte Baptiste e da própria proposta desta edição temática, é possível questionar os silenciamentos de governos ultraconservadores frente às inúmeras vítimas da pandemia do COVID-19, à minimização do recorte de raça, classe e gênero das pessoas que agonizaram, fazendo com que esta tragédia fosse tratada como apenas uma mera gripezinha. Do mesmo modo, o rechaço destes mesmos governos (em todo o mundo) à forma como se produz ciência e tecnologias em universidades, centros de pesquisa, institutos e laboratórios, reduzindo verbas ao mesmo tempo em que se partidariza uma questão de saúde pública, em nada contribui para a democratização do conhecimento.

Outro exemplo, pensando aqui no Brasil, remete ao silenciamento e a recusa de 15 estados brasileiros em contabilizar as violências sofridas pela população LGBTI+², simplesmente invisibilizando do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020³ pessoas que não só são reconhecidas de seus direitos e garantias fundamentais à dignidade humana integral, mas que também é um fato concreto o movimento para criminalização da LGBTIfobia (não do congresso nacional e tampouco do poder executivo, mas sim do judiciário do Brasil). Também este silenciamento perpassa em não discutir de modo interseccional⁴ os porquês e como é que pessoas negras tem três vezes mais chances de morrer violentamente do que pessoas brancas, de acordo com este mesmo anuário.

As discussões sobre gênero e sobre sexualidade nos permitem transitar por múltiplos caminhos. A quebra das concepções binárias e profundamente alicerçadas numa “moral restritiva” (TEIXEIRA, 2019, p. 35) permitem que nós possamos amplificar as nossas percepções éticas, políticas, estéticas e epistêmicas, quebrando as bases de uma realidade, valorativa, representativa e normativa, desenhada pela branquura, pela cisheteronormatividade e pelos privilégios de classe e de território.

Nessa direção é possível dizer que estas trajetórias multidimensionais deixam entrever que a diversidade dos corpos políticos e das epistemologias de resistência que, da crítica à política institucional às análises críticas sobre os corpos, discursos e artefatos que se intensificam na manutenção de uma “ordem” branca e cisheteronormativa, desarticula a “matriz prescritiva da heterossexualidade” (MORAIS, 2020, p. 33) cisnormativa. bell hooks, em sua recusa radical às bases coloniais e sexistas da realidade política que herdamos, nos ensina que “fazemos das nossas palavras uma fala contra hegemônica, libertando-nos por meio da língua” (hooks, 2013, p. 233), de modo que não somente a língua, mas a própria linguagem seja campo de luta. Por isso, as teorias construídas por pessoas negras, LGBTI+, indígenas e demais existências denunciadas como “os outros” recusam o apagamento como um destino e a desqualificação como um lugar intransponível.

Assim, convidamos a todas, todes e todos para nos acompanhar nessa trajetória, nessa encruzilhada insurgente, afetiva e profundamente incômoda para aqueles que não querem renegar os seus privilégios. O incômodo se torna o nosso fio condutor, pois ele expressa a desarticulação das ordens binárias, pálidas e que pretendem, através de um esforço político, igualar androcismasculinidade a poder.

Deste modo, os 33 textos apresentados nesta edição temática (29 artigos de revisão teórica/metodológica e/ou apresentação de resultados de pesquisa, um ensaio, duas entrevistas e uma resenha de livro) são a materialização de que seguiremos mesmo assim, tal qual o título deste editorial, existindo, resistindo e colocando em discussão como se constitui o conhecimento, ciências e tecnologias para controle dos corpos, sujeitos e da própria coletividade, ao passo que estes mesmos elementos de controle também podem ser ressignificados como instrumentos de luta e emancipação política.

Os debates sobre diversidade sexual e de gênero e as importantes discussões levantadas pelos estudos étnico-raciais tornaram-se uma questão central para diversas abordagens teórico-metodológicas contemporâneas, deslocando não somente nossos modos de pensar epistemologias, mas, sobretudo, o compromisso da pesquisa em combater ignorâncias sistêmicas em diferentes espaços de produção de conhecimento. No conjunto, os trabalhos apresentados nesta edição são um

testemunho desta rede de pesquisadoras e pesquisadores, cujos trabalhos problematizam os modos de se pensar e fazer ciência dando-nos, especialmente, ferramentas para repensar criticamente nossas abordagens sobre técnica e tecnologias.

Inclusive prestamos nossa reverência e homenagem a uma das autoras deste dossiê que infelizmente faleceu em decorrência das complicações da COVID-19, apenas aos 28 anos de idade. Baga de Bagaceira Souza Campos, pessoa negra, jornalista, performer, mestra em comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, doutoranda em cultura e sociedade pela Universidade Federal da Bahia e ativista dos direitos humanos/LGBTI+, você não será esquecida! Presente! Este texto também é dedicado você!⁵

Contamos também com duas entrevistas de referência mundial para os estudos de sexualidade e gênero: a professora e filósofa estadunidense Judith Butler e a já citada professora colombiana Brigitte Baptiste.

Não é possível também deixarmos de mencionar, por fim, o carinho e acolhida das editoras chefas desta revista: professoras doutoras Lindamir Salete Casagrande e Nanci Stancki da Luz, que prontamente aceitaram o desafio de receber a proposta de dossiê para este número especial. Ótima leitura e muitos beijos disruptivos!

NOTAS

¹ O título pensado para este editorial temático é baseado na canção “It's Not Right But It's Ok”, gravada em 1998 e lançada em janeiro de 1999, pela cantora estadunidense Whitney Houston (1963-2012). É importante destacar que embora estejamos vivendo tempos sadicamente violentos, onde a prevalência de uma ignorância sistêmica e deliberada frente a questões de moral, religião, saúde pública, sexualidade, gênero, etnia, raça, classe e território (traduzindo em uma verdadeira política de morte à determinados grupos sociais), são as histórias de existências e resistências diversas que dão suporte para se pensar em mundos onde a diferença não seja ontologicamente negativa, estigmatizante e caricata, frente a cisheteronormatividade colonial imposta. Este número temático da Revista Cadernos de Gênero e Tecnologia é um pequeno esforço realizado pelos organizadores de honrar todas as histórias de vivências, existências e resistências coletivas, difundindo o conhecimento para além de uma mera discussão teórica e publicação/pontuação científica para efeito de rankings. Honramos uma das autoras deste dossiê, que faleceu em 2020, em decorrência das complicações do COVID-19. Honramos, também, todas aquelas e aqueles que morreram no passado em razão de simplesmente serem que são, permitindo que mesmo nesses tempos sadicamente violentos, seguimos resistindo. Tal como a canção, ficaremos bem! Referência completa da canção: PHILLIPS, Isaac; DANIELS, LaShawn; JERKINS, Rodney; ESTES, Toni. It's Not Right But It's Ok. Produzido por Rodney Jerkins. *In*: My love is your love. Nova Iorque: Arista Records, 1999, faixa 03.

² Adotamos a sigla LGBTI+ neste texto por ser a que mais é adotada pelos movimentos e coletivos do país, além de siglas estabelecidas/criadas no seio da academia.

³ Conforme reportagens de Caê Vasconcelos e Arthur Stabile para o jornal *online A Ponte*. Links: <https://ponte.org/15-estados-e-distrito-federal-se-recusam-a-contabilizar-violencia-contra-lgbts/>; <https://ponte.org/negro-tem-3-vezes-mais-chance-de-ser-morto-violentemente-do-que-um-branco/>

⁴ Aqui adotamos a interseccionalidade conforme Kimberlé Creenshaw (2004) e Carla Akotirene (2018).

⁵ Conforme notas da Associação Bahiana de Imprensa e do diário da notícia lamentando a morte da autora de um dos textos desta edição temática. Links: <https://abi-bahia.org.br/abi-lamenta-a-morte-de-baga-de-bagaceira-souza/>; <https://www.diariodanoticia.com/2020/07/ufrb-emite-nota-de-pesar-pelo.html>.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In: Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004, p. 7-16.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SCOTT, Joan Wallach. O Enigma da Igualdade. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: v. 13, n. 1, jan./ abr. 2005, p. 11-30.

TEIXEIRA, Thiago. **Inflexões éticas**. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020.

MORAIS, Fernando Luis. **Analítica quare: como ler o humano**. Salvador: Editora Devires, 2020.

Recebido: 08/01/2021.

Aprovado: 11/01/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.13688

Como citar:

FERREIRA, Michel Alves; SOUZA, Humberto da Cunha Alves de; TEIXEIRA, Thiago. Editorial temático: It's not right, but it's ok! I'm gonna make it, anyway!. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.14, n. 43, p. 5-8, jan./jan. 2021.

Correspondência:

Michel Alves Ferreira

Rua Dep. Gabriel Sampaio, 465, Apto 22, CIC, Curitiba, Paraná, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

